

SBTE 136 IATF, TETF e IA

**Utilização de duas doses de cloprostenol em diferentes intervalos na sincronização do estro em ovelhas da raça santa inês**

Sheylla Foligno De Carvalho Menezes De Almeida<sup>1</sup>; Jeferson Ferreira Da Fonseca<sup>2</sup>; Mário Felipe Alvarez Balaro<sup>1</sup>; José Gabriel De Almeida<sup>1</sup>; Pedro Henrique Nicolau Pinto<sup>1</sup>; Ana Beatriz Moura<sup>1</sup>; Rômulo Mendonça Da Rosa<sup>1</sup>; Felipe Zandonadi Brandao<sup>1</sup>

*1.Universidade Federal Fluminense; 2.EMBRAPA Caprinos E Ovinos, Núcleo Regional Sudeste.*

**Palavras-chave:** Ovino; prostaglandina; ovulação

O objetivo deste estudo foi comparar protocolos de sincronização do estro, utilizando duas doses de cloprostenol em diferentes intervalos, durante o mês de março, dentro da estação reprodutiva, em ovelhas da raça Santa Inês, no município de Cachoeiras de Macacu-RJ. Um total de 30 ovelhas ( $43,9 \pm 6,4$  kg;  $2,9 \pm 0,3$  ECC e  $3,4 \pm 1,6$  anos de idade), desmamadas há pelo menos três meses, foram divididas equitativamente, em três tratamentos, com intervalos de: 11,5 dias (G11,5: n=10), 9 dias (G9: n=10) ou 7 dias (G7: n=10). A dose utilizada, por aplicação, foi de 37,5 µg de cloprostenol (Estron®, Agener União, São Paulo, Brasil) por via intramuscular. Avaliações ultrassonográficas foram realizadas pela via transretal (modo-B, SonoScape®, Shenzhen, China) para acompanhamento da dinâmica folicular e luteal, diariamente a partir de 5 d antes da primeira dose, e a cada 12 h após ambas aplicações, novamente por 5 d, ou até a ocorrência da ovulação. Para a detecção do estro, as fêmeas foram rufiadas, individualmente, a cada 12 h, após cada aplicação, por no máximo 5 d com duração de 5 min por animal. As variáveis quantitativas normais foram submetidas à ANOVA seguida pelo teste de Tukey ( $P < 0,05$ ). Os dados relativos a taxa de ovelhas em estro (%) foram avaliados pelo teste Exato de Fisher ( $P < 0,05$ ). O percentual de animais em estro após a primeira dose não diferiu ( $P > 0,05$ ) entre os grupos: G1 1,5 – 60% (6/10); G9 – 80% (8/10) e G7: 80% (8/10) assim como a duração do estro (G11,5:  $24,0 \pm 13,1$  h; G9:  $37,5 \pm 7,7$  h e G7:  $28,5 \pm 11,0$  h). Após a segunda dose, as taxas de apresentação do estro e de duração do estro também não diferiram ( $P > 0,05$ ) entre os grupos, respectivamente: G11,5 – 90% (9/10) e  $29,3 \pm 12,2$  h; G9 – 100% (10/10) e  $36,0 \pm 10,4$  h; e G7 – 80% (8/10) e  $31,5 \pm 8,9$  h. Não houve diferença estatística ( $P > 0,05$ ) nos intervalos da segunda dose ao início do estro, fim do estro, e do estro à ovulação entre G11,5 ( $48,5 \pm 8,9$  h;  $80,0 \pm 8,5$  h;  $35,0 \pm 20,1$  h), G9 ( $50,3 \pm 13,1$  h;  $83,0 \pm 9,1$  h;  $25,5 \pm 12,2$  h) e G7 ( $36,5 \pm 6,2$  h;  $68,0 \pm 14,0$  h e  $20,3 \pm 6,1$  h). O intervalo da aplicação da segunda dose à ovulação diferiu ( $P < 0,05$ ) entre os grupos G11,5 ( $78,7 \pm 9,4$  h) e G7 ( $56,8 \pm 6,2$  h). O G9, por sua vez, foi similar ( $P > 0,05$ ) a ambos ( $75,5 \pm 8,3$  h). O G7 antecipou a ovulação e apresentou menor desvio padrão ( $P < 0,05$ ). É provável que os animais do G7 estivessem próximos do período de dominância folicular, ou que já estivessem com os folículos dominantes, enquanto G11,5 e G9 poderiam estar ainda no início da onda folicular. Os três protocolos foram eficientes para a sincronização de estro em ovelhas da raça Santa Inês.